

APRESENTAÇÃO ONLINE - II - PSICOLOGIA E QUESTÕES SOCIAIS

**CLÍNICA E POLÍTICA PÚBLICA EM TORNO DA GAGUEIRA À LUZ DA
FILOSOFIA SARTREANA**

Carlos Eduardo Borges Dias (borgesdias.edu@gmail.com)

Andrea Freire Fernandes Eichler Dos Santos (ANDREA.SANTOS1@utp.edu.br)

Danielle Guerra (daniguerra10@hotmail.com)

Sabrina Garcia Toledo (sabrinagtoledo@hotmail.com)

Julia Oliveira (julia.oliveira9@utp.edu.br)

Giselle Aparecida De Athayde Massi (giselle.massi@utp.br)

A chamada gagueira-sofrimento não se reduz nem a um transtorno funcional da fala nem a um inventário de disfluências. Ela designa uma forma de subjetivação na qual a fala, subtraída à sua espontaneidade, é capturada por um regime de valor fluentocêntrico. A contribuição sartreana mostra-se aqui decisiva, porque permite descrever, em sua articulação, o espírito de seriedade pelo qual um valor historicamente produzido se dissimula como necessidade e a má-fé pela qual o sujeito, no interior desse mundo já valorado, assume como evidência do real aquilo que é, antes, injunção histórica interiorizada. Nessa torção, a fluência deixa de comparecer como ideal contingente e adquire a

autoridade opaca do natural; por isso, um tribunal interno torna-se tanto mais tirânico quanto menos se deixa compreender como originalmente externo. À luz do ser-para-outro, do olhar e da vergonha, esse tribunal revela sua eficácia mais íntima: o sujeito, convertido em sentinela de si, vive sua fala sob antecipação, vigilância e prevenção de risco, pré-objetivando-se defensivamente para não ser capturado como objeto deficiente diante do outro. Contra a psicologização da vergonha e a biologização do sofrimento, importa reinscrever a clínica no terreno da situação, compreendendo a gagueira como forma íntima de um campo que distribui desigualmente tempo, paciência, inteligibilidade e pertencimento. A saída não reside nem no aperfeiçoamento de protocolos de desempenho nem na fetichização inversa da disfluência, que apenas reconduziria a seriedade sob signo trocado. Ela exige o deslocamento da ética da regra para o apelo, em sentido sartreano, para que a fala possa reassumir a estrutura do ato e endereçar-se à liberdade do outro sem prévia capitulação ao veredito. É nesse horizonte que a proposta de travessias de micro-Rubicões se deixa pensar como pequena ruptura da má-fé relacional: não heroísmo subjetivo, mas reconfiguração concreta de cenas intersubjetivas em que o sujeito passa a suspender sua auto-objetivação defensiva e a arriscar falar sem solicitar certificação ao tribunal, reapropriando-se do para-si sem recusar a liberdade alheia que, ao responder, também reordena o mundo comum. Daí a exigência, simultaneamente clínica e pública, de instituir dispositivos capazes de desreificar a fluência, redistribuir a vergonha e abrir formas de coexistência nas quais falar deixe de ser prestação e volte a ser práxis de co-liberdade.

Palavras-chave: gagueira; filosofia sartreana; espírito de seriedade; clínica; política pública.